

Texto I
A Roupas Nova do Imperador
(fragmento)

Hans Christian Andersen

Há muitos e muitos anos havia um Imperador tão apaixonado pelas roupas novas, que gastava com elas todo o dinheiro que possuía. Pouco se incomodava com seus soldados, com o teatro ou com os passeios pelos bosques, contanto que pudesse vestir seus trajes. Tinha um para cada hora do dia, e, ao invés de se dizer dele o que se diz de qualquer imperador: Está na Câmara do Conselho, dizia-se sempre a mesma coisa: O Imperador está se vestindo.

Na capital em que ele vivia, a vida era muito alegre; todos os dias chegavam multidões de forasteiros para visitá-la, e, entre eles, certa ocasião chegaram dois vigaristas. Fingiram-se de tecelões, dizendo-se capazes de tecer os tecidos mais maravilhosos do mundo.

E não somente as cores e os desenhos eram magníficos como também os trajes que se faziam com aqueles tecidos possuíam a qualidade especial de serem invisíveis para qualquer pessoa que não tivesse as qualidades necessárias para desempenhar suas funções e também que fossem muito tolas e presunçosas.

- Devem ser trajes magníficos - pensou o Imperador.

- E se eu vestisse um deles, poderia descobrir todos aqueles que em meu reino carecessem das qualidades necessárias para desempenhar seus cargos. E também poderei distinguir os tolos dos inteligentes. Sim, estou decidido a mandar tecer uma roupa para mim, a qual me servirá para tais descobertas.

Entregou a um dos tecelões uma grande quantia como adiantamento, a fim de que os dois pudessem começar imediatamente com o esperado trabalho. Os dois vigaristas prepararam os teares e fingiram entregar-se ao trabalho de tecer, mas o certo é que no mesmo não havia nenhum fio nas lançadeiras. Antes de começar, pediram uma certa quantidade da seda mais fina e fio de ouro da maior pureza e guardaram tudo em seus alforjes e depois começaram a trabalhar, isto é, fingindo fazê-lo, com os teares vazios.

- Gostaria de saber como vai o trabalho dos tecelões - pensou um dia o bondoso Imperador. Todavia, ficou um tanto aflito ao pensar que alguém que fosse tolo ou não estivesse capacitado para exercer sua função, não poderia ver o tecido. Não temia por si mesmo, mas achou mais prudente enviar uma outra pessoa, para que lhe desse conta daquilo.

Todos os habitantes da cidade conheciam as maravilhosas qualidades do tecido em questão, e todos, também, desejavam saber, por esse meio, se seu vizinho ou amigo era um tolo.

Acesse o texto completo aqui:

Disponível em:

http://www.miniweb.com.br/cantinho/infantil/38/Estorias_miniweb/roupatx/a%20roupa%20nova%20do%20imperador.pdf Acesso em 01 de nov. de 2018.

Texto II

O alfaiate do Rei

(Maria Clara Machado)

4ª cena (fragmento)

Bobo – Vindos de outro continente, os Tecelões do Oriente.

1º Tecelão – Não carecemos de apresentação, pois somos os mais conhecidos e cobiçados tecelões do mundo.

Tecelã – Somos os Tecelões de Ouro.

Todos – Oh!!!

Tecelã – É uma honra para nós, Alteza, estarmos diante de tão nobre e elegante criatura.

(Várias reverências são feitas)

Tecelão – Viajamos incessantemente meses e meses só para conhecê-lo.

Tecelã – Como o senhor sabe, a agulha puxa a linha e a linha puxa a agulha.

Tecelão – Somos ricos e conhecidos, pois ao alfaiate pobre agulha se dobra, Excelência.

(Todos riem sem graça)

Tecelã – Nosso currículo é enorme, Excelência.

Tecelão – Fomos nós que tecemos o pano e fizemos a roupa do augusto Rei do distante reino do Xuxuquistão.

Todos – Ohhh!

Tecelã – Fomos nós que tecemos e bordamos o manto sagrado dos cavaleiros oblíquos da segunda jornada.

Todos – Ohhh!

Tecelã – Todos nos querem, Alteza.

Tecelão – Eu diria mais: todos clamam por nosso trabalho.

Tecelã – Confeccionamos um tecido especial.

Tecelão – Que tem uma rara qualidade. Não só as cores e os padrões são extraordinariamente atraentes...

Tecelã – Esse tecido tem uma característica singular.

Os dois juntos – Dizemos ou não dizemos o nosso segredo? (olhando um para o outro)

Todos – Oh! Oh! Digam! Digam!

Os dois – Só é visto por pessoas inteligentes e competentes...

Tecelã - ...ou por aqueles que estão à altura do seu posto. (misteriosos)

Tecelão – Os bobos e incompetentes não conseguem ver nosso maravilhoso tecido.

Todos – Oh! Oh!

Rei – Deve ser extraordinário! Fantástico! Incrível!!! Um tecido só visto por pessoas inteligentes...

Tecelã (à parte) – Se fizermos um traje para o Rei não precisaremos trabalhar nunca mais!

Tecelão – Vamos ficar milionários.

Rei – Eu não disse? Vestir bem leva sempre a um bom governo! Estes tecelões são maravilhosos! Daqui por diante, com este tecido extraordinário vou ficar sabendo quem é competente e inteligente no meu reino! Funcionário Honesto, traga e entregue aos tecelões dinheiro bastante para que possam dar início ao trabalho!

Funcionário Honesto – Sim, Alteza.

(Funcionário Honesto sai e volta trazendo um saco de dinheiro, que dá ao Ministro. O Ministro entrega ao Rei, que entrega para o Funcionário Honesto,

que entrega para o Ministro, que entrega para o Rei. Enquanto isso, os tecelões disfarçadamente tentam pegar o dinheiro.)

Rei – Recebam esse dinheiro para que possa ser confeccionado o mais extraordinário de todos os tecidos.

(O Funcionário Honesto puxa um recibo e uma pena do bolso.)

Funcionário Honesto – Por favor, assinem o recibo.

Rei – Comecem imediatamente o trabalho, é muito importante!

(Música. Saem todos, menos o Bobo, o Rei e a Rainha.)

(Machado, Maria Clara. *A Bruxinha que era Boa e Outras Peças*. 3a ed. Rio de Janeiro, Ediouro Publicações de Passatempos e Multimídias: 2009.)